Panorama dos estudos de internet (Fragoso e col, 2011)

livro. Nosso objetivo é apresentar os estudos de internet como um campo em constante mudança (Jones, 1999) surgido a partir de diversas disciplinas (Baym, 2005) a fim de que as discussões

Pessoas de várias disciplinas são atraídas para o estudo da internet por muitas razões. Alguns querem utilizar as tecnologias para conduzir pesquisa tradicional dentro de suas bases disciplinares, outros querem se libertar dos grilhões das práticas disciplinares tradicionais. Alguns querem compreender algo sobre tecnologias particulares, mas possuem pouco treinamento em métodos para estudá-las. Outros sabem muito sobre os métodos da pesquisa sociais mas pouco a respeito do contexto tecnologicamente mediado que eles estão estudando⁵.

Estudos sobre internet: disciplina ou campo? (Fragoso e col, 2011)

The Information Society, 21: 229-232, 2005 Copyright © Taylor & Francis Inc. ISSN: 0197-2243 print / 1087-6537 online Routledge
Taylor & Francis Group

Introduction: Internet Research as It Isn't, Is, Could Be, and Should Be

Nancy K. Baym

Department of Communication Studies, University of Kansas, Lawrence, Kansas, USA

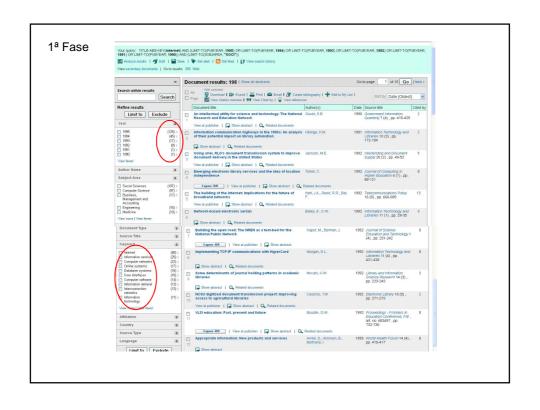
The call for this special issue posed this question:

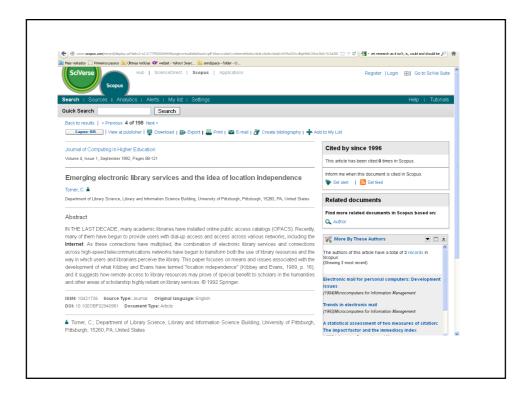
One now often hears people talking about the "field" of "Internet research" while its practitioners continue to be housed in departments and schools of library science, business, information science, communications, and others. Something clearly seems to be afoot. But what is it?

The articles included here are a self-reflexive effort by diverse group of scholars to answer this question. Amon the specific queries authors were invited to consider were the extent to which Internet research is an exademic "field or "discipline," what it means to label this field, whether "latternet research" is the right name, and what this fiel might learn from the histories of other interdisciplinar fields. The essays collected here provide a remarkable fields. The essays collected here provide a remarkable and the provide and the provide and the provides are the provided and the provided are the provided are the provided and the provided are the provided are the provided and the provided are the provided

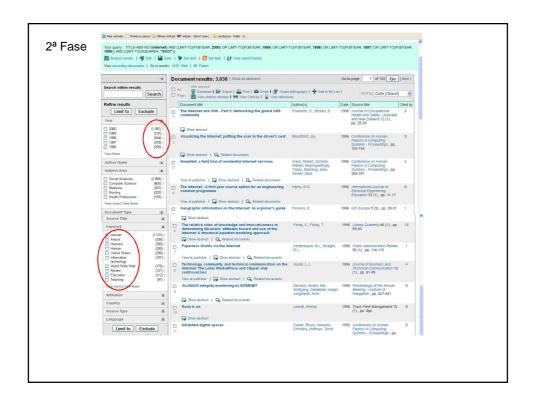
of over 200 scholars from more than a dozen disciplines in more than 20 countries. These people made their way to this unknown event in a place most had never thought to this unknown event in a place most had never thought ground an identity as an "Internet researcher" rather than tassociated with their disciplinary homes. The success of that event, as well as the success of airl (which now has approximately 1500 subscribers), our subsequent annual conferences, and Aolf Itself, reveal the hunger many researchers examining the laterare have for an opportunity to meet and share ideas with those outside their usual species of contact. At the same time, the issues Aolf Taces shows the control of the contro

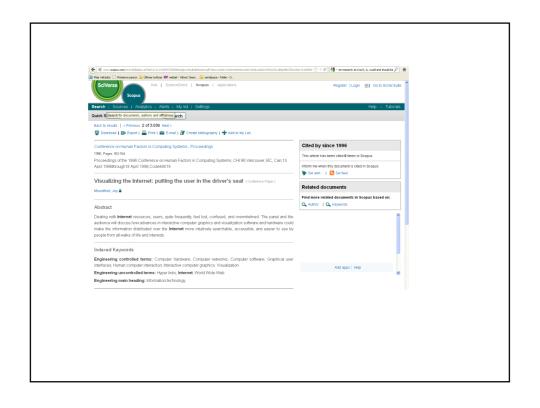
(Fragoso e col, 2011)							
Fases dos Estudos sobre Internet	1ª Fase (Início dos 90)	2ª Fase (Segunda metade dos 90)	3ª Fase (Início dos 00)	Fases dos Estudos sobre Internet	1* Fase (Início dos 90)	2ª Fase (Segunda metade dos 90)	3* Fase (Iníc dos 00)
(2004) utópicos e distópicos; a narrativa história da comunicaçi parece ter ir	distópicos; a narrativa da	ta de 1998; co- leta e análise de dados: docu- mentação e ob- servação sobre os usuários e	Abordagem teórico-meto- dológica: enfo- que na análise dos dados; reflexões sobre padrões de conexões, per- sonalização e comunicação.	Postill (2010)	Hype acerca do próprio surgimento da internet; polarização real versus virtual; internet como esfera autônoma; interações síncronas versus assíncronas.	Análise do ob- jeto internet já inserida dentro do cotidiano; comparações entre a internet e outras mídias; popularização da internet para vários tipos de usuários; amostragem intencional (escolha de casos extremos).	Enfoque nos usos e apro- priações; ex- plicitação me todológica.
		entrevistas; resultados atin- gidos: apropria- ções feitas por diferentes classes sociais, gêneros, faixas etárias etc.			W-110	nen t p -	

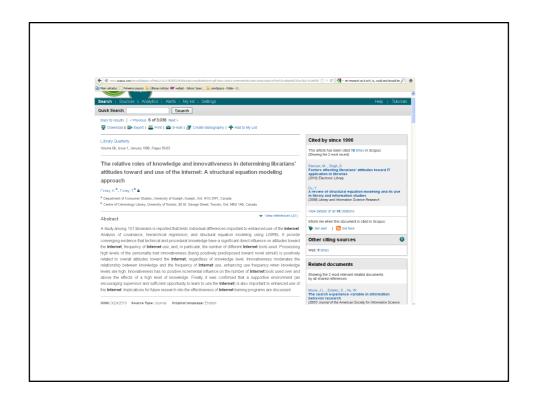


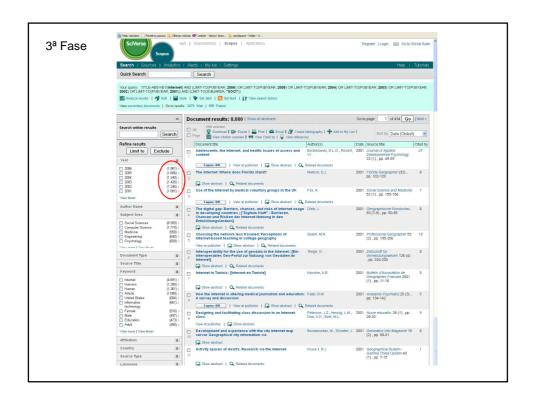


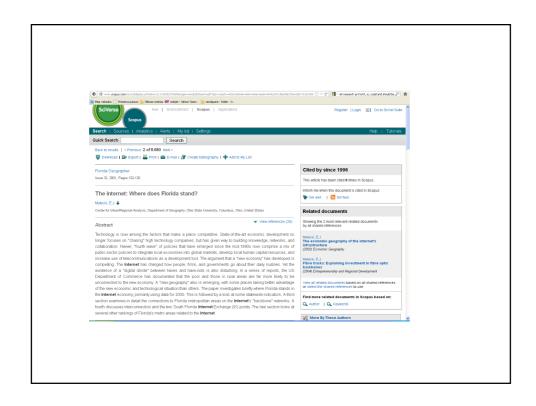


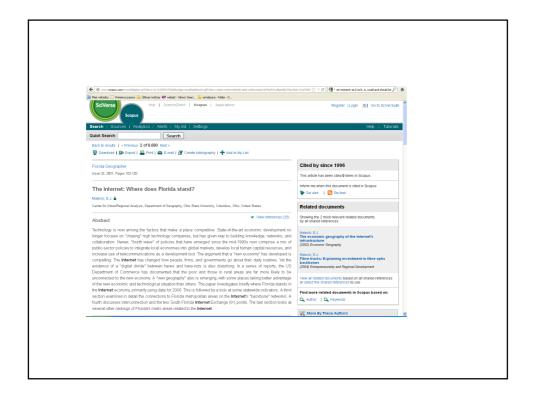


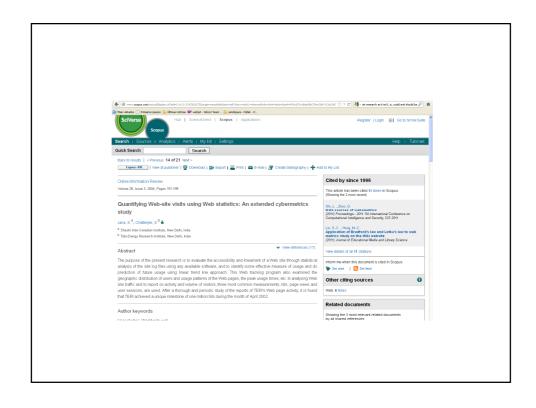












de estudo. Fon	te: Ardevol et al.	as sobre a interne (2008).	t enquanto ob
Abordagem Teórica	Internet como Cultura	Internet como Artefato Cul- tural	Internet como Mídia
Conceitos	Ciberespaço, vida virtual, ci- bercultura, des- corporificação, desterritorializa- ção.	Online/Offline, incorporada à vida cotidiana, localidade.	Convergência d mídia, vida cotidiana, nova mídias, cultura digital.
Objeto/Campo	Com base no texto: Chats, BBS, IRC, Use- net, News- groups, MUDs.	Com base na web: Páginas pessoais, web- sites, mundos virtuais.	Redes sociais, objetos multi- mídia: Conteúd gerado por consumidor, Web 2.0.
Metodologia Qualitativa Etnografia	Comunidades Virtuais, Co- municação Me- diada por Com- putador, Iden- tidade Online, Estudos feitos exclusivamente em tela.	Laços sociais, representação de identidade, "estudos além da tela", apro- priação da tecnologia, etnografia virtual.	Etnografia multimídia, etnografia conectiva, etno- grafia das redes.

Tabela 3: Algumas	ferramentas	digitais e	métodos	já	utilizados
em suas análises					

Objetos	Alguns métodos apresentados na literatura		
Blogs Fotologs Videologs Moblogs Microblogs	Análise de conteúdo Análise de discurso Etnografia + ARS ¹¹ Entrevistas Estudo de caso Observação participante Método Biográfico Estatísticas		
Páginas Pessoais Websites	Análise de Hyperlinks Etnografia Estudo de Caso Análise de webesfera Webometria		
Portais	Estudo de caso – Método GJOL ²² Etnografia Entrevistas em profundidade Análise documental		

Estudos na Fase 1

Origem e desenvolvimento da Internet além dos EUA, uma história possível? (possível análise sobre a evolução (ou não evolução) da internet na Europa ocidental, URSS/ bloco comunista (e da Rússia pós 1991), China, Oceania...)

Estudos na Fase 2

Comportamento e preferências dos **usuários** na web. Perfis de usuários.

estudar **usuários**, ou seja, usos, sites mais usados, comportamentos, quem mais usa o quê?

O que as instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro estão **acessando** na internet?

- Acesso à internet por determinados **públicos** (como produtores ruraise suas famílias, por exemplo);
- Possíveis impactos do uso de ferramentas do tipo "2.0" no processo de produção de conhecimento científico;
- Análise de acesso a sites institucionais;
- Análise da relação entre sites dentro de uma mesma instituição ou entre instituições.

Estudos na Fase 3

tenho interesse em analisar a **visibilidade** os sites dos laboratórios de conservação e restauração de documentos em suporte papel existente no Brasil.

Preservação, a longo prazo, de estrutura e conteúdo dos sites governamentais."

Os sites de instituições/órgãos governamentais são uma das formas como estas instituições/órgãos se apresentam ao público/cidadão/cliente (?) e refletem a relação entre eles (como o governo vê o cidadão, como quer ser visto por ele e como de fato se apresenta).

Se os sites são produto de uma função de comunicação social, poderíamos considerá-los documentos digitais? E, se assim for, como preservá-los permanentemente nas instituições arquivísticas? Como lidar não só com a obsolescência tecnológica (softwares e hardwares) mas, principalmente, a preservação dos links para outros sites?

Repositórios Institucionais das instituições de ensino e pesquisa no Brasil se enquadram na teoria de Broder, sobre a estrutura da web

Sistema de busca é tão ineficiente e normalmente não se acha rapidamente o que se procura.

pesquisar sobre **web obscura** ou, fora dela, ver o que acontece se comparar uma série de autores, por exemplo, em bases que não são indexadas em buscadores com aquelas que são. eu sempre me perguntei os mais visíveis em uma também seriam os mais em outras.

claro que falando em buscadores, sempre tive uma curiosidade sobre como e pra quê os pesquisadores utilizam, mas não sei se isso tem a ver com métrica. (esta ultima é fase 2)

Internet como fonte de pesquisa e não tema ou campo

Como o meu nome "Elinielle" eu pensava ser único, eu já investiguei várias vezes quantas "Elinielle" tem no mundo. la no Google, e eu consegui descobri uma russa. Mas, o Facebook me deu mais algumas opções de vertentes com o meu nome (seja a mesma grafia e/ou pronúncia). Aliás, uma capixaba "Elinielly" que me achou um dia desses no Face e ainda me mandou um convite para aceitá-la na nessa rede social..

Eu gostaria de saber o que estão fazendo os alunos de pós-graduação formados pelo IBqM, e mais precisamente os do PEGeD.